

## Alagoas dos mapas militares: uma revisão do acervo cartográfico digital do Arquivo Histórico do Exército

**Roseline Vanessa Oliveira Machado**

Profa. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL

[roselineoliveira@gmail.com](mailto:roselineoliveira@gmail.com)

**Luisa Estanislau Soares de Almeida**

Graduanda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL

Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

### RESUMO

Esta proposta de artigo consiste em um primeiro resultado do projeto de pesquisa intitulado *Lendo imagens e desenhando textos: um estudo urbanístico da formação territorial de Alagoas*. Financiado pelo CNPq e desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, o projeto visa compreender a gênese da formação urbanística do território alagoano, a partir da análise do conjunto cartográfico digital disponível no Arquivo Histórico do Exército (Rio de Janeiro-RJ), um material ainda não explorado nessa perspectiva. Tal revisão trata de noventa mapas que registram a feição do território alagoano antes e depois de sua emancipação política da Capitania de Pernambuco, em 1817. O material engloba estudos técnicos; registros das linhas férreas; levantamento das distâncias quilométricas entre as províncias; projetos de sistema de comunicações e linhas telegráficas, plantas das estradas de rodagem e do núcleo inicial da cidade de Maceió. Tratam-se de registros cuja diversidade de temas exemplifica a abrangência das atividades desempenhadas pelos engenheiros militares e de seus interesses por esse “novo” território. Este estudo constitui, portanto, uma contribuição para a construção do conhecimento na área da historiografia da cidade e divulgação dessas expressivas fontes de investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Território, Alagoas, mapas, arquivo histórico do Exército.

### ABSTRACT

The proposed Article consists of the preliminary results of a research project called *Reading Images and Designing Texts: an Urban Study of the Territorial Formation of Alagoas*. The project is financed by the National Science Council (CNPq) and is being carried out by the Research Group of Landscape Studies, which is based at the Faculty of Architecture and Urbanism (Federal University of Alagoas). It seeks to understand the genesis of the urban settlements of the Alagoan territory, on the basis of an analysis of a set of digital cartographic maps available at the Military Archive (Rio de Janeiro), material which has not previously been explored from this perspective. The review deals with ninety maps which record the features of the Alagoan territory, both before and after the region's political emancipation from the original 'captaincy' (colonial administrative division) of Pernambuco in 1817. The material encompasses technical areas: records of railways; a survey of the distances in kilometres between the provinces; plans for the communication system and telegraph lines; and the road design system, together with the first town-center of Maceio. The research involves examining records where the range of subjects illustrates the full extent of the activities undertaken by the military engineers, as well as their stake in the “new” territories. Thus this study makes a contribution to building up knowledge of the historiography of the city and provides a disclosure of its significant sources of investigation.

**KEYWORDS:** Territory; Alagoas; maps; Military Archive.

## I - ELABORANDO MAPAS, CONSTRUINDO TERRITÓRIOS

O que faz um território ser reconhecido como tal? No contexto do início da colonização das terras brasileiras, muitas foram as estratégias traçadas pelos portugueses para “anexá-las” ao Reino. Pilares de pedra<sup>1</sup> foram fincados, vilas e cidades foram construídas. Mas, talvez, a maior marca de constituição do novo território tenha sido o traço, o esforço dos europeus em decifrar uma paisagem tão adversa e traduzi-la graficamente. Mapas e escritos eram expressões de conhecimento. Funcionavam como orientadores de percursos, registro de lugares e, por extensão, uma espécie de certidão de posse.

Assim, adotar a imagem como ferramenta para o estudo da história urbana não implica apenas em usá-la como base para a identificação das marcas edificadas e das expressões do sítio. É encarar também como aspectos a serem considerados nos estudos a propriedade desses produtos de carregarem uma série de intenções – artística, científica e de marketing - norteadas pelo imaginário dos autores, que percorriam a colônia, e pelas exigências de quem lhes fazia a encomenda.<sup>2</sup>

Na primeira parte de seu livro intitulado *Mapas*, Isa ADONIAS (1993) historia a produção cartográfica ao longo do tempo na perspectiva do registro do território. Aliás, a autora vai sugerindo ao longo do texto que as diversas formas de registro do mundo acompanham a trajetória de reconhecimento do próprio território por parte dos viajantes expansionistas. É a idéia que permeia as conclusões de Beatriz BUENO (1998) sobre os diferentes grafismos que marcam a cartografia colonial, detendo-se mais detalhadamente ao contexto do século XVIII quando o mundo da representação urbana e construção da urbe são marcados pela formação dos engenheiros militares.<sup>3</sup> Entretanto, antes de se deter ao estudo dessa produção específica essencialmente guiada por princípios cartesianos, a historiadora também considera a dimensão simbólica da cartografia antiga, admitindo que um mapa consiste em um produto cultural que o dota de um caráter artístico, pois, “*as particularidades gráficas revelam determinadas escolhas culturais, uma concepção de mundo, um estado do conhecimento científico e do pensamento*”. (BUENO, 1998, p.108)

---

<sup>1</sup> “Um pilar de pedra ou a cruz”. Esses marcadores eram fincados na costa e serviam de guia da expansão podendo ser reconhecidos pelos navegadores ainda nas embarcações no mar. Esses elementos sinalizavam os lugares já percorridos e os nativos conhecidos, padronizando, de certa forma, a paisagem para que pudesse ser reconhecida como espaço já conquistado. (SEED, 1999, p.170)

<sup>2</sup> Os primeiros estudos modernos de referência relativos ao tema da análise imagética foram realizados por Ervin PANOFKY (1979), registrados em sua obra *Significado nas Artes Visuais*. Segundo o autor, atingir o entendimento da linguagem imagética requer considerar sua camada iconográfica, que auxilia a pesquisa descritiva e classificatória, e sua camada iconologia, a “*iconografia que se torna interpretativa*”, ou seja, a essência da imagem (PANOFKY, 1979, p. 55). Assim, o valor instrumental da iconografia, enquanto dado histórico, também estaria associado à postura do observador/pesquisador em interpretar a imagem, visando à identificação da sua intenção. Esses objetos representariam “*aqueles princípios de fundo que revelam a atitude fundamental de uma nação, um período, uma classe, uma concepção religiosa ou filosófica, inconscientemente classificada por uma personalidade e condensada numa obra*” (PANOFKY, 1979, p. 59). Panofsky tratou da obra de arte como imagem a ser decodificada.

<sup>3</sup> Beatriz Bueno realiza um minucioso trabalho de investigação sobre a formação dos engenheiros militares no contexto do Brasil colônia e seu papel sobre o desenho das primeiras vilas e cidades aqui instaladas. Entretanto, as imagens analisadas pela autora consistem na produção do século XVIII. Isso porque, como bem diz a historiadora, “*na série de desenhos referentes ao Brasil, observamos a completa ausência de exemplares assinados por engenheiros militares no século XVI, poucos originais referentes ao século XVII e uma enorme abundância referentes ao XVIII*”. BUENO, 2000.

Primeiramente, por apresentar elementos e convenções que são desenhadas e moldadas pela, entre outros aspectos, expressão do autor. Em segundo lugar, um mapa era considerado um bem precioso enquanto representação de apropriação de um território a ser apresentado aos reis que, freqüentemente, solicitavam sua elaboração para conhecerem os limites de seus territórios, seus recursos físicos, naturais e humanos.

Oficialmente encomendados, esses mapas comumente recebiam tratamento especial ao serem elaborados, indicando que *“mais do que qualquer arma de fogo, era o desenho um dos mais eficazes mecanismos de conhecimento, apropriação e controle do território; único veículo capaz de fornecer ao rei a medida de seu império”*. (BUENO, 1998, p.116)

## II - O(S) INÍCIO(S) DE ALAGOAS NOS MAPAS DOS ENGENHEIROS MILITARES

Seria difícil reconhecer as velhas feições das paisagens brasileiras, especialmente as nordestinas, se não tivesse restado inúmeros registros legados pelos colonizadores. Alagoas, que compunha a parte Sul da Capitania de Pernambuco até o século XIX<sup>4</sup>, encontra-se em situação privilegiada para a realização de estudos iconográficos, tendo sido, ainda durante os dois primeiros séculos de efetiva ocupação do Brasil, tema não apenas dos registros de procedência portuguesa, como os da Família Albernaz,<sup>5</sup> como também de George Marcgrave e Frans Post, representantes da comitiva do Conde Maurício de Nassau durante seu governo de parte da região Nordeste, do então “Brasil Holandês”.<sup>6</sup>

Tratam-se de olhares que, de certa forma, se complementam, pois, enquanto as imagens da Família Albernaz contribuíram, sobretudo, para o entendimento ampliado da região de Alagoas em termos de ocupação urbana, o conjunto iconográfico holandês, além de permitir a visualização da experiência urbanística no contexto do século XVII, também apresenta informações mais específicas e detalhadas sobre o desenho conformado pela implantação de núcleos habitados. Mais que isso, esse legado mostra formas de

<sup>4</sup> A província de Alagoas foi emancipada politicamente de Pernambuco em 1817.

<sup>5</sup> A produção cartográfica da Família Albernaz ocorre por três gerações: Luís Teixeira (1564 a 1613), o seu filho João Teixeira Albernaz I, (o Velho, 1602-1666) e o filho deste, João Teixeira Albernaz II (o Moço, 1627-1675), todos cosmógrafos oficiais do Reino de Portugal, e a Capitania de Pernambuco aparece em 14 representações dentre os mapas por eles elaborados, os quais faziam os levantamentos in loco e eram *“copilados, iluminados e aquarelados, em versões de luxo [...] os Altas apresentavam basicamente uma tipologia comum, contendo relatório sobre a situação de cada capitania, acompanhado de cartas que espacializavam seus acidentes geográficos, povoações, fortificações e engenhos, de forma a possibilitar o controle das conquistas ultramarinas por parte das coroas européias”*. (BUENO, 2007, p.32)

<sup>6</sup> Dentre os mapas de procedência portuguesa, situa-se a produção de Diogo de Campos Moreno, cosmógrafo que percorreu o Brasil durante a início do século XVII. Num mapa sem título, que registra uma área que se estende da Vila de Olinda (na extremidade direita do mapa) até o Rio São Francisco, há informações textuais específicas sobre a região de Alagoas com detalhes que mostram o povoado de Santa Luzia, o único indicado textualmente na região sul da Capitania, e a existência de áreas habitadas sinalizadas através de desenhos diferentes de construções, como aqueles aparentando edifícios isolados, com e sem torre e cruz, e dois edifícios juntos de dimensões variadas. Parte de sua legenda indica a intenção do mapa: *“mostram-se todos os rios com os acentos das fazendas [...], com suas mais necessárias conhecenças e advertimentos”*. (MORENO, 1616).

viver e de pensar que, contrapostas à determinadas situações contemporâneas, mostram-se resistentes ao tempo, persistindo na paisagem.<sup>7</sup>

Séculos mais tarde, Alagoas continuará a ser registrada. Sobretudo, por engenheiros militares. Mas se no início de sua formação paisagística ela apresentava, sob o olhar português e holandês, lagoas, rios, caminhos, engenhos, casas singelas e áreas fortificadas - numa feição incipiente em comparação a região Norte de Pernambuco - a partir do século XIX ela se mostrará digna de investimentos.

É o que mostra um conjunto de mapas do acervo digital do Arquivo Histórico do Exército. Constitui-se de noventa imagens arquivadas em três pastas (Alagoas, Pernambuco e Pernambuco 1), elaboradas entre o período de 1807 e 1926<sup>8</sup>. Desse total foram selecionadas para o presente estudo quarenta e duas imagens, pois as demais se referiam unicamente a Pernambuco, não trazendo nenhuma referência ao território de Alagoas. Dentre as quarenta e duas imagens, quatro retratam a região de Alagoas, sendo ainda enquanto território de Pernambuco e trinta e oito referem-se à Província de Alagoas propriamente dita após sua emancipação política.

Abordados em escala arquitetônica e territorial, os temas tratados correspondem basicamente a projetos e desenhos de construções de caráter militar (obviamente por se tratar de um acervo do exército) tais como, quartéis, depósitos e enfermarias, todos inseridos em Maceió<sup>9</sup>, e mapas. Aqueles catalogados no acervo como sendo referentes à Pernambuco mostram Alagoas em diferentes perspectivas territoriais, quais sejam, geográfica, topográfica e corográfica, além de planos para futuras intervenções, a exemplo da *Planta do reconhecimento feito nas capitânicas de Pernambuco e Alagoas para servir de ao projeto do estabelecimento da estrada militar, defesa da costa, e correspondência telegráfica (...)*.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Análises iconográficas recentemente realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da UFAL revelaram a permanência de uma série de costumes de raízes coloniais, desde hábitos alimentares, maneiras de pescar, até procedimentos construtivos, que ainda participam da dinâmica contemporânea do cotidiano de pequenas comunidades alagoanas.

<sup>8</sup> Dentre elas há três imagens relativas às antigas vilas de Porto Calvo e Santa Maria Madalena, ambas situadas no atual território alagoano e datadas do século XVII. Por essa razão foram desconsideradas para o presente estudo.

<sup>9</sup> Em 1815, a vila de Maceió foi desmembrada da Vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (atual cidade de Marechal Deodoro), então sede da Província. Vinte e quatro anos mais tarde, deu-se a elevação à condição de cidade, principalmente por causa do desenvolvimento advindo da operação do porto de Jaraguá.

<sup>10</sup> Pasta Pernambuco I, imagem: 01-03-0094.

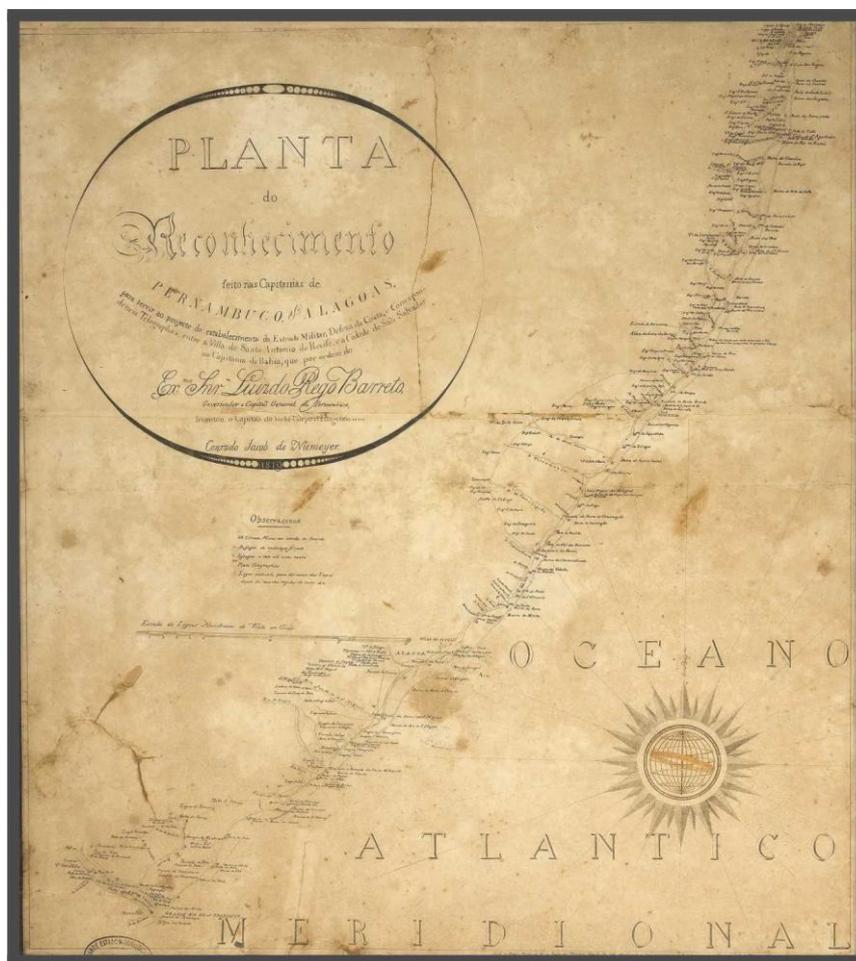


Figura 01: Mapeamento do território das capitâneas de Pernambuco e Alagoas no início do século XIX (Pasta Pernambuco 1, imagem 01-05-0094).

Dentre o conjunto de mapas específicos de Alagoas, a imagem 01-05-171 (Pasta Alagoas) é rica em informações textuais de lugares povoados, registrando uma série de núcleos habitados (*Marco de Timberiba Preta, Acampamento da colônia, Marco de Pedra, Capoeiras do Rei, Marco de Maçaranduba, Acampamento do Macaco*) da Colônia Militar de Leopoldina, situada nas proximidades do rio Jacuípe, limite Sul do Pernambuco. Contudo, dentre os mapas que registram esse tema, um merece destaque pelo trato da imagem 01-05-173 (pasta Alagoas), de autoria de João da Gama Lobo Bentes.

Seu desenho é expressivo por diversos fatores. Um refere-se ao seu conteúdo documental, apresentando, por exemplo, legenda pormenorizada, indicando a locação de edifícios públicos, privados, tipos arquitetônicos e partidos de planta; e projeto urbano, indicando o traçado espacial, a infraestrutura, bem como a disposição do conjunto edificado. Outro diz respeito ao trato iconográfico, valendo-se da cor e

da caligrafia de maneira a atribuir à imagem uma dimensão mais formal, ou seja, um produto que dá sinais de ter sido elaborado para divulgação.

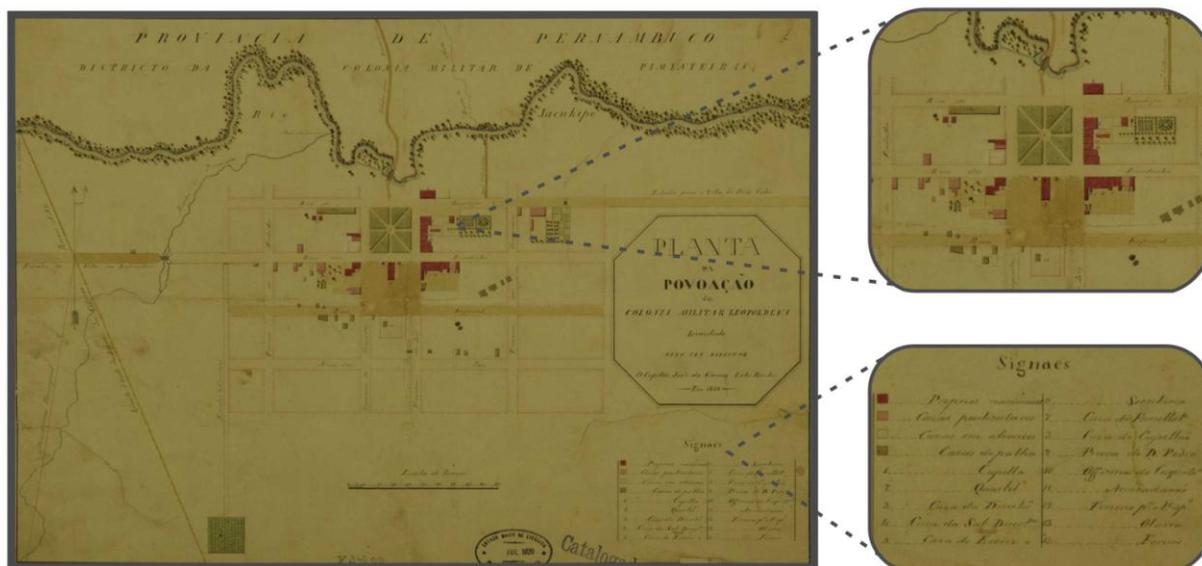


Figura 02: *Planta da povoação de Colônia Leopoldina* (imagem 01-05-173), com ampliações. No canto superior direito, detalhe do traçado urbano proposto para a Colônia Leopoldina, com edifícios dispostos em torno uma grande praça central; no canto inferior direito, detalhe da legenda do mapa.

Dentre o conjunto iconográfico analisado, Maceió também foi registrada com expressiva vontade. Nos quinze mapas onde a localidade aparece, esta é abordada tanto enquanto sede de construções militares, como antes mencionado, como núcleo em desenvolvimento, apresentando-se em fragmentos, a exemplo do *Plano das enceadas de Pajuçara e Jaraguá*<sup>11</sup> e a *Planta da cidade de Maceió*<sup>12</sup>, que ilustra a situação urbanística da cidade em 1902.

<sup>11</sup> Pasta Alagoas, imagem: 01-05-181.

<sup>12</sup> Pasta Alagoas, imagem: 01-05-187.



Figura 03: mapeamento das enseadas de Jaraguá, onde está situado o porto da cidade de Maceió, e da Pajuçara, locais estratégicos do ponto de vista militar (imagem: 01-05-181).

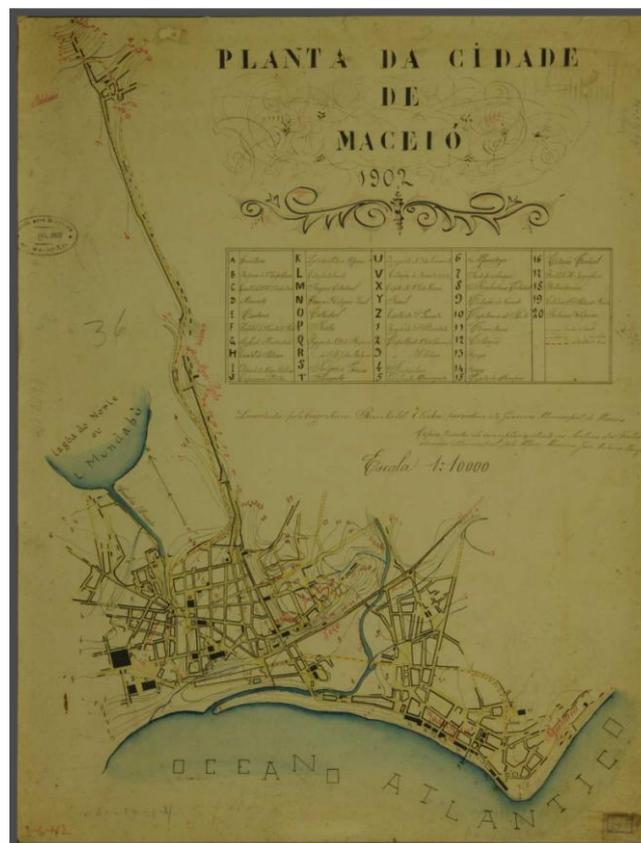


Figura 04: Representação do núcleo urbano inicial da cidade de Maceió em 1902. (imagem: 01-05-187).

Apesar das semelhanças dos mapas em termos de aparência, as inscrições revelam que não há uma uniformidade de autoria. Das quarenta e duas imagens revisadas no projeto, foram listados vinte e dois diferentes autores e onze mapas cujo autor não foi identificado. Nomes de Carlos de Boltenstern, Carlos de Mornay, Christiano Pereira de Azeredo Coutinho, João da Gama Lobo Bentes e Hugh Wilson são os que aparecem com mais frequência.<sup>13</sup>

Quanto às expressões gráficas dos mapas, o conjunto não possui uma homogeneidade rígida. Podemos considerar que a maioria classifica-se em um padrão intermediário, pois se referem a registros sem uma aparente preocupação formal: apenas dez possuem legendas explicativas, o uso da cor é pouco explorado e alguns assemelham-se a esboços, como pode ser exemplificado através das imagens 01-05-175 e 01-05-3085 (pasta Alagoas) onde a primeira parece ser o resultado final da última, pois aquela apresenta um maior trato em termos de diagramação.

---

<sup>13</sup> Dentre os autores citados, a produção de Carlos de Mornay é referenciado em estudos realizados a cerca do percurso urbano de Maceió. (Ver CAVALCANTI, 1998).

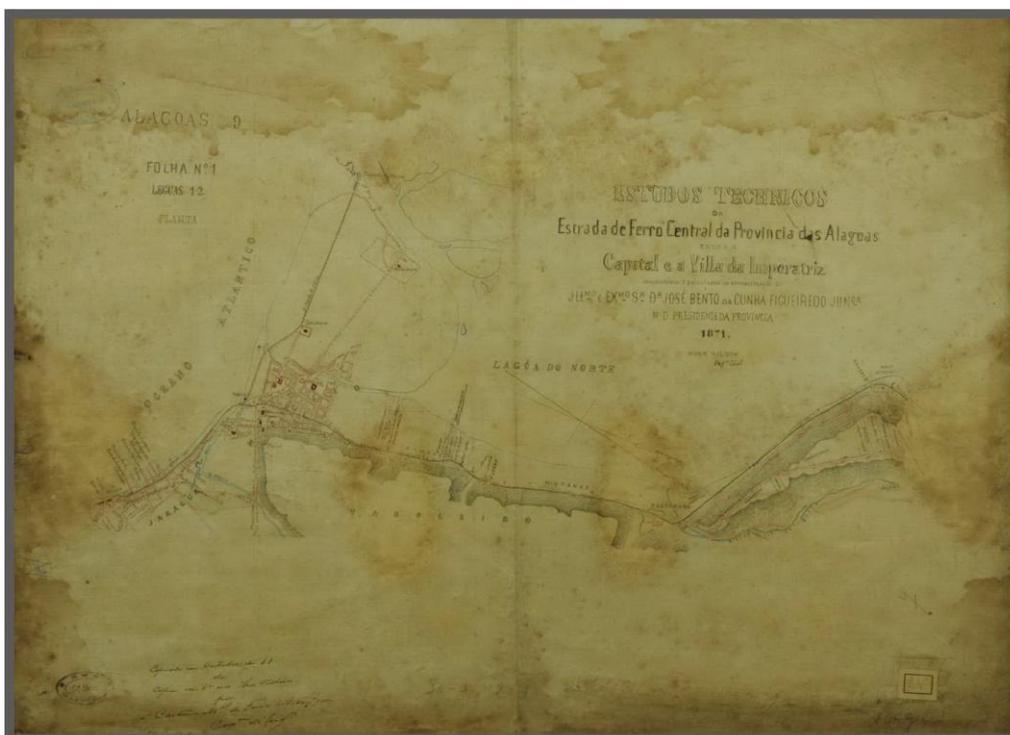


Figura 05: comparação entre mapas referentes às imagens 01-05-175 e 01-05-3085, respectivamente, onde o segundo aparenta ser um esboço do primeiro.

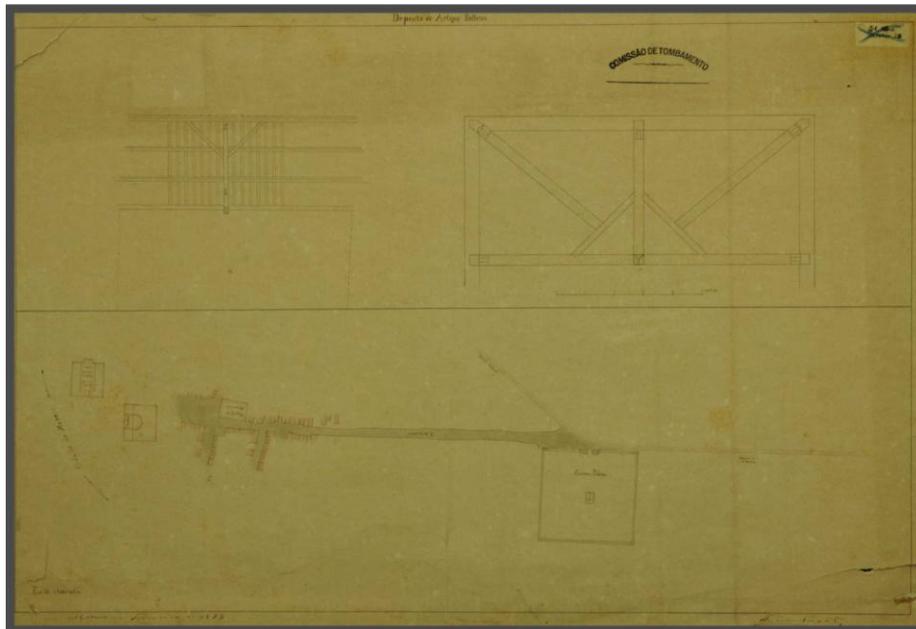


Figura 06: a imagem 01-05-155 traz indícios de ser um esboço, pois se apresenta incompleta e sem aparentes intenções formais na disposição de seus elementos gráficos.

De uma maneira geral, a abordagem temática e gráfica do conjunto cartográfico digital disponibilizado pelo arquivo histórico do Exército parece tender para o registro pragmático da paisagem no contexto de Alagoas do século XIX, qual seja mapear, identificar e atuar sobre o existente e o inexistente, de forma a gerir, planejar e promover o desenvolvimento do lugar.

### III - DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA LEITURA ICONOGRÁFICA

Em síntese, o conjunto cartográfico em análise, mostra que as estruturas fortificadas de caráter militar permanecem como um tipo arquitetônico marcante na paisagem, bem como as tramas de caminhos em escala territorial.

Em termos de estudos iconográficos acerca de Alagoas, essas imagens se mostram relevantes para seu entendimento enquanto região em processo de expansão e ocupação urbanística. Apenas se se considerar o significado da implantação de uma colônia militar em determinada região, qual seja, estimular a produção agrícola, as inúmeras instalações desses núcleos revelam que o território alagoano apresentava alguma relevância estratégica para o Exército.

O conteúdo iconográfico desse mapa (Pasta Alagoas, Imagem: 01-05-173) possui, pois, uma rica dimensão investigativa. Questões e apontamentos foram surgindo a partir das sucessivas leituras dessa

imagem, tais como qual a razão que levaram a implantação de uma colônia militar em Alagoas em meados do século XIX, qual o pensamento urbano vigente para uma colônia militar no interior de um território recém-emancipado, como também possibilita analisar as possíveis permanências e heranças desse período, até que ponto o olhar oitocentista orientou a conformação espacial/territorial desse município. São questionamentos, instigados pela leitura imagética, que perpassam a investigação.

Para além das informações imagéticas, os dados históricos obviamente potencializam essa a análise cartográfica. Colônia Leopoldina foi marcada pela visita de Dom Pedro II no ano de 1860. O desenho referido é anterior à visita do Imperador (fontes atribuem o nome da colônia ao fato do de Dom Pedro ter vindo acompanhado da princesa Leopoldina)<sup>14</sup>. Nessa perspectiva, será que o seu formalismo, tão diferenciado dos demais mapas, deve-se a intenção de submetê-lo a apreciação do Imperador, para conhecimento prévio de seus caminhos?

Da mesma maneira a dinâmica histórica de Maceió. Trata-se de uma das localidades mais importantes da Província de Alagoas, justamente por suas potencialidades comerciais impulsionadas pela dinâmica de seu porto, fator que impulsionou a transferência da sede da província para esta localidade, também pode justificar a recorrência de seu registro. Da mesma maneira, o conhecimento da postura dos cartógrafos e engenheiros militares também pode contribuir para o entendimento do processo de formação da paisagem alagoana, a exemplo de um dos autores reconhecidos, qual seja, Carlos de Mornay, engenheiro francês responsável pela construção, em 1869, do consulado provincial, atual Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA).<sup>15</sup>

Além disso, as informações imagéticas sugerem que, para desenhar um projeto de uma construção, muitas vezes é preciso ampliar o recorte e inserir uma e outra informação aparentemente desconexa do tema exposto no título do mapa, mas que em muito pode contribuir para o entendimento ampliado do local. Cemitério público de Maceió, Rua do Cemitério, hospital da Misericórdia, cadeia, quartel de infantaria, estrada de ferro e cadeia, por exemplo, foram indicados em um mapa intitulado *Depósito de artigos bélicos*<sup>16</sup> que se mostra numa linguagem gráfica que extrapola as plantas do edifício e se apresenta numa planta de situação.

---

<sup>14</sup> Ver ESPINDOLA, 2001.

<sup>15</sup> Ver AMORIM, 2010.

<sup>16</sup> Pasta Alagoas, imagem: 01-05-155.

Portanto, esse material consiste em um retrato<sup>17</sup> não apenas no desenvolvimento da região de Alagoas em termos urbanísticos, como também de um processo mental de ocupação territorial, seja na escala macro ou micro.

Nessa perspectiva, os mapas mostram que, continuando as expressões simbólicas dos mapas “coloniais”, correspondem a um mecanismo de força política na sociedade e, também, de informação. Podendo ser interpretados como uma forma de discurso, os mapas constituem um produto influenciado pela sociedade, sendo manipulados de acordo com determinados interesses.

Por outro lado, o fato da elaboração de um mapa ser resultado de um olhar individualizado traz à tona a idéia da imprecisão da iconografia enquanto fonte de pesquisa. Nesse sentido, as imagens, de uma maneira geral, são “*objetos culturais, onde coexistem e se justapõem diferentes códigos figurativos. Esta intertextualidade pressupõe um estudo análogo à análise morfológica e sintática de um texto*”. (BUENO, 1998, p.108)

Isso, de certa forma, justifica a variedade das representações antigas desde as características do desenho formal, a diversificação de cores, os princípios compositivos, até detalhes relacionados com as decisões acerca do tema a ser representado, como a ausência ou presença de edifícios, vegetação ou outras figurações, sugere que esses trabalhos imagéticos fogem à idéia de seguir um rígido sistema de convenções, mesmo reconhecendo uma uniformidade gráfica nos mapas de cunho militar, como os aqui apresentados, cuja elaboração advém de modelos regidos pelas escolas, especialmente aqueles elaborados a partir do século XIX.

Tal reconhecimento tem feito com que a imagem venha sendo cada vez mais utilizada como um documento auxiliar aos estudos científicos não apenas pela possibilidade de ser lida, mas principalmente por sua importante propriedade de dar visibilidade às paisagens.

Nesta perspectiva, como ler uma imagem que não diz literalmente o que é? Qual é a linguagem da imagem oitocentista? A leitura da imagem depende, sobretudo, do intérprete, de sua forma de ver e, principalmente, do que o observador procura enxergar, o que justifica as variações de discursos sobre o tema.<sup>18</sup>

Nessa perspectiva, para além da identificação dos elementos estruturantes do território alagoano, o que se pretende com a observação das imagens de época é não apenas visualizar e identificar os gestos urbanos que compunham Alagoas e como eram instalados no espaço geográfico, como também reconhecer a carga simbólica e subjetiva da imagem, à medida que tais documentos podem ser considerados um

<sup>17</sup> Termo utilizado pela historiadora Beatriz Bueno, em seu artigo sobre o conjunto cartográfico português da colônia ao império. (BUENO, 2007, p.30)

<sup>18</sup> Ver Panofsky (1979), Ginzburg (1989), Cosgrove (1999), dentre outros.

“retrato” do território planejado sob um determinado olhar carregado da forma personificada de como o autor, inserido no seu contexto, entende o mundo.

#### IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADONIAS, I. (Ed./Org.). *Mapa: imagem da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.
- AMORIM, Vania Luisa Barreiros (org). *Luigi Lucarini: vida e obra*. Maceió: GRAFMARQUES, 2010.
- BUENO, Beatriz P. S. *Desenho e designio: O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998. (Tese de Doutorado).
- \_\_\_\_\_. *Formação e Metodologia de Trabalho dos Engenheiros Militares: a Importância da "Ciência do Desenho" na Construção de Edifícios e Cidades*. In. [http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo\\_03.htm](http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo_03.htm), 2000.
- \_\_\_\_\_. A produção de um território chamado Brasil. In: ANTUNES, Ermelinda Ramos (cur.). (Org.). *Laboratório do Mundo: idéias e saberes do século XVIII*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2004, v., pp. 229-243.
- \_\_\_\_\_. A guerra de papel. Confecção e disputa pelos mapas. In. TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, et al.(org). *Seminário Internacional A presença Holandesa no Brasil: Memória e Imaginário*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005. pp. 145-168.
- \_\_\_\_\_. Desenhando o Brasil: o saber cartográfico dos cosmógrafos e engenheiros militares da colônia e do Império. In. COSTA, Antônio Gilberto (Org). *Roteiro prático da cartografia da América portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. pp.28-49.
- CAVALCANTI, Veronica Robalinho. *La Production del'espace a Maceio1800-1930*. Tese de doutorado. Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne (Institut d'étude du développement économique et social), Paris, 1998.
- COSGROVE, Denis. (org). *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999.
- ESPÍNDOLA, Thomas do Bom-Fim. *Geografia alagoana ou descrição física, política e histórica da Província das Alagoas*. 2 ed. Maceió: Edições Catavento, 2001 [1871].
- SEED, Patrícia. *Cerimônias de posse da conquista européia do Novo Mundo (1492-1640)*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- PANOFKY, Ervin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo, Perspectiva, 1979.